

**SOB O SIGNO DO DESMATE: VONTADES DE VERDADE DE  
“OBJETIVIDADE” NA DIMENSÃO DA DEVASTAÇÃO AMAZÔNICA EM  
DISCURSOS MIDIÁTICOS DIGITAIS**

TRUTHFUL WILLS OF “OBJECTIVITY” IN THE DIMENSION OF AMAZONIAN  
DEVASTATION IN DIGITAL MEDIA DISCOURSES

Israel Fonseca Araújo <sup>1</sup>

Secretaria de Educação do Pará

**Resumo:** O artigo discute a problemática ambiental ao analisar discursos midiáticos digitais que tratam da devastação amazônica e indicam o “tamanho” desse flagelo, haja vista as vontades de verdade implicadas em discursos da mídia contemporânea. Foca-se nos sentidos de “objetividade” insinuados no dizer midiático dos sites BBC News e (o)Eco que buscam apontar a dimensão da devastação na Amazônia brasileira. A pesquisa ancora-se em postulações de Michel Foucault (2005, 2008, 2012, 2019) em atenção a distintas categorias teórico-conceituais, tais como: formação discursiva e prática discursiva, biopolítica e governamentalidade, ferramentas que possibilitam um gesto de leitura arqueogenealógico (Navarro, 2020) calcado em uma metodologia descritivo-interpretativa. Aceita-se que, assim procedendo, é possível pensar em uma (eco)governamentalidade em face do governo ambiental do planeta (Veiga-Neto, 2017; Passetii, 2013). Nesses meandros, destaca-se a relevância da Amazônia brasileira enquanto signo em debates midiáticos que forjam vontades de verdade, posto que estas ajudam a constituir esses discursos. Em termos de sugestões à discussão, o artigo conclui no sentido de que a apresentação do tamanho do flagelo que é o desmatamento na Amazônia, na mídia online, se fez destacadamente pela estratégia de medir, comparar, quantificar em percentuais e exibir séries comparativas de meses, anos, de acordo com as vontades de verdade de objetividade reclamadas por esse funcionamento discursivo.

**Palavras-chave:** Amazônia brasileira; devastação; ecopolítica; estudos discursivos com Michel Foucault

**Abstract:** This article discusses environmental issues by analyzing digital media discourses that address the devastation of the Amazon and indicate the “size” of this scourge, given the desire for truth implied in contemporary media discourses. It focuses on the senses of “objectivity” insinuated in the media discourse of the BBC News and (o)Eco websites that seek to point out the scale of the devastation in the Brazilian Amazon. The research is anchored in Michel Foucault’s (2005, 2008, 2012, 2019) postulations, paying attention to different theoretical-conceptual categories, such as: discursive formation and discursive practice, biopolitics and

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre, Especialista e Graduado em Letras. Professor na Secretaria Executiva de Educação do Pará e Secretaria de Educação de Igarapé-Miri (PA). E-mail: [poemeiro@hotmail.com](mailto:poemeiro@hotmail.com) (Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5386576922721214> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1115-2221>)

governmentality, tools that enable an archeogenealogical reading gesture (Navarro, 2020) based on a descriptive-interpretative methodology. It is accepted that, by acting this way, it is possible to think of an (eco)governmentality in the face of the environmental government of the planet (Veiga-Neto, 2017; Passetii, 2013). Therefore, the relevance of the Brazilian Amazon stands out as a sign in media debates that forge desires for truth, since these help to constitute these discourses. In terms of suggestions for discussion, the article concludes that the presentation of the size of the scourge that is the deforestation in the Amazon, in the online media, was made prominently by the strategy of measuring, comparing, quantifying in percentages and displaying comparative series of months, years, according to the desires for truth and objectivity claimed by this discursive functioning.

**Keywords:** Brazilian Amazon; devastation; ecopolitics; discursive studies with Michel Foucault

**Submetido em 12 de setembro de 2024.**

**Aprovado em 8 de outubro de 2024.**

## **Introdução**

A destruição ambiental tem, na Amazônia brasileira, um signo inscrito nas (des)continuidades históricas. O território amazônico funciona em termos dessa exemplaridade e os meios jornalísticos/midiáticos participam de uma experiência narrativa capaz de mobilizar efeitos de sentido no curso da história sugerindo mostrar, mediar a relação dos humanos, das instituições, dos governos em face do governo do planeta (Passeti, 2013). Tais espaços de mediação e circulação de discursos podem ser os sites jornalísticos e outras instâncias que permitem materializar discursos de alerta ou chamamento que enunciam medições e comparações do tamanho do flagelo ambiental em vista do governo do planeta.

Em termos dessa delimitação, neste trabalho analisamos discursos midiáticos que tratam da devastação ambiental amazônica em termos de vontades de verdade sobre o tamanho do flagelo ambiental, o que possibilita entender efeitos de sentido sobre o cuidado e o governo ambiental do planeta<sup>2</sup>. Empreende-se um gesto de descrição e interpretação de discursos midiáticos digitais (on-line) selecionados, capaz de mostrar

---

<sup>2</sup> Em boa medida, esta pesquisa retoma reflexões trazidas pelo primeiro autor em uma tese de Doutorado em Letras que tratou da devastação ambiental amazônica e analisou discursos midiáticos vindos a público entre 2013 e 2022 (Autor 1, 2023). O estudo foi produzido e defendido no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF).

uma tênue relação entre a destruição ambiental e as preocupações (bio)políticas em face da Amazônia brasileira e da vida na Terra.

Ao analisar discursos selecionados dentre os que circulam em um curso histórico mais contemporâneo (anos 2022 e 2023), a opção de pesquisa é por uma metodologia descritivo-interpretativa, pois a descrição do objeto e sua interpretação possibilitam compreender o funcionamento de tais discursos. Assim sendo, lidamos com o acontecimento discursivo no interior de um grande arquivo midiático digital a enunciar sobre o presente, examinando a constituição de séries enunciativas que tratam da Amazônia brasileira sob o signo da devastação na história presente.

Além desta seção introdutória, a continuidade deste texto traz algumas considerações sobre os estudos de Michel Foucault enquanto possibilidade de uma leitura arqueogenealógica dedicada a este objeto de estudo; em seguida, conceitualmente expomos uma relação entre devastação amazônica e a perspectiva da ecopolítica. Na seção seguinte e sob um gesto analítico, tratamos da dimensão da devastação amazônica em discursos midiáticos da BBC News Brasil e de (o)Eco. Por fim, trazemos uma Conclusão em tons provisórios e são listadas as referências bibliográficas.

## **1. Incursões teóricas, domínios foucaultianos**

Os discursos midiáticos e que tematizam a questão ambiental, e expõem a Amazônia brasileira como um signo a falar nestes tempos contemporâneos, podem ser analisados sob diferentes prismas e distintos olhares teórico-metodológicos. Neste estudo, os estudos discursivos que se ancoram em Michel Foucault são vistos como produtivos para esse empreendimento de pesquisa. Estrategicamente atuando com os discursos midiáticos, aceitamos que estes se inserem em campos de disputas ou, nos dizeres foucaultianos, que eles participam de uma luta “e de uma luta política” (Foucault, 2012, p. 148). Esta pesquisa lida, portanto, com discursos relacionados a meio ambiente e Amazônia brasileira, na qual concebemos discurso na esteira apresentada por esse autor na A Arqueologia, “como um conjunto de enunciados

apoiados na mesma formação discursiva”, sendo mesmo o discurso “constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (Foucault, 2012, p. 143).

Portanto, tem lugar especial na compreensão dessa formulação conceitual/teórica o entendimento de que a formação discursiva midiática, seja veiculada de modo impresso, seja digital/on-line, apresenta em suas regras de formação o oferecimento de sentidos no discurso revestidos de vontades de verdade.

Entendendo que tais discursos midiáticos não surgem do nada e nem se dirigem a um lugar de vazios, que têm uma formação complexa e processual inscrita nos jogos de poder, de vontades de verdade, que sistematicamente formam os objetos de que falam (Foucault, 2012), nesta pesquisa analisamos os dizeres sobre a Amazônia brasileira em circulação nos sites BBC News e (o)Eco, tendo em vista a dupla sustentação: um olhar de viés arqueológico, segundo o qual a “arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo” (Foucault, 2012, p. 161) e possibilita uma produtividade analítica sob a pressuposição de que os discursos midiáticos atualizam o grande arquivo de dizibilidades sobre a temática ambiental amazônica.

De outra forma, a concepção foucaultiana de uma genealogia leva-nos a ver os discursos sobre a Amazônia em articulação a jogos de poder, lutas, constatações e resistências. O entendimento desse dinamismo conceitual/teórico converge à percepção de que a Amazônia brasileira participa de um governo do planeta. Assim, nessa forma de perscrutar os discursos, não buscamos o fio originário dos sentidos consideramos importante as suas superfícies, os seus contornos. Segundo Dreyfus e Rabinow (2010), a genealogia foi “o maior passo” na direção de uma complexa analítica do poder; a genealogia evita a profundidade, visa a superfície dos acontecimentos, os detalhes mínimos e contornos mais sutis.

Trata-se de uma compreensão pautada na imbricação e indivisibilidade das nuances arqueológica e genealógica. Por assim dizer, estamos nos meandros de um gesto investigativo arqueogenealógico, sendo a arqueogenealogia “não concebida aqui como um instrumento para explicação de todos os fatos de discurso, mas para aqueles

sobre os quais possamos verter nosso olhar na busca de encontrar regras de formação” (Navarro, 2020, p. 24).

Pensar o objeto discursos midiáticos sobre a devastação amazônica pressupõe olhar ao meio ambiente e ver as preocupações em torno do mesmo, o que se pode extrair das reflexões de Oliveira (2012): os problemas de ordem ambiental não surgem no Pós-Guerra, pois desde a Idade Média há registros de destruição ambiental. Trata-se, assim, de analisar e pôr em relações vontades de verdade sobre o “tamanho” desse evento destruidor, geralmente sob vozes de autoridade institucional.

É de se anotar que, em termos foucaultianos, não se busca uma verdade absoluta, um fio originário sobre a devastação ora analisada. Conforme se pontua em Autor 1 (2023), trata-se de efeitos de um dizer midiático que se quer verdadeiro e entra nos jogos de disputas políticas das quais os discursos participam, como já visto nos ensinamentos de Foucault (2012).

Acredita-se que tais vontades de verdade, apresentadas pela mídia, vêm se pautar em uma atuação de fundo materializada no governo ambiental sobre a Amazônia brasileira, uma articulação em que o viver no planeta deve ir ao encontro das ações políticas. Nos dizeres de Foucault (2005), está-se diante de uma ação biopolítica, haja vista que é uma tecnologia de poder que se dirige ao homem-espécie, à população, pois a biopolítica “lida com a população” (Foucault, 2005, p. 292).

É preciso cuidar desse ambiente, pois dele a vida diretamente depende, pois ele, central e estrategicamente, entra nas preocupações e nas táticas políticas no/do governo do planeta. Em razão das necessidades populacionais, necessita-se pensar em termos como uma mentalidade política e de governo se volta ao cuidado com o lugar, o meio ambiente. Foucault (2019) pensou nessa articulação (mentalidade mais governo) e postulou o conceito de governamentalidade, por meio do qual ele entende uma “forma bastante **específica e complexa de poder**, que tem por alvo a população” (Foucault, 2019, p. 429; grifamos), pois, segundo afirma, o Estado de justiça da Idade Média foi pouco a pouco governamentalizado. Necessidade de um processo de racionalização articulado a dispositivos que visam controlar a população, governá-la em suas mais distintas feições, entre as quais a dimensão ambiental; no cerne dessa pauta, via

exercícios de governo e táticas diversas, está a Amazônia brasileira – tema do recorte seguinte.

## 2. Devastação na Amazônia: resistência ecológica no governo do planeta

Diante desses apontamentos e na esteira da ancoragem teórica/conceitual eleita, julga-se pertinente indagar por que buscar enunciados sobre devastação da Amazônia e sua relação com o meio ambiente produzidos e em circulação nas discursividades midiáticas on-line. Dentre outras possibilidades de contornar essa indagação, vê-se a premissa de que a humanidade precisa de um ambiente seguro, equilibrado e fértil para continuar existindo, haja vista que a devastação amazônica é um tema da ordem do dia, inscrito nos meandros da contemporaneidade histórica e em discursos cotidianos de que os meios midiáticos se ocupam, sobre o qual veiculam vontades de verdades e expõe relações de poder-saber.

Assim, precisamos entender certos deslocamentos que a contemporaneidade nos apresenta. Um deles, por exemplo, é sobre o “alvo biopolítico” em relação à problemática ambiental, ecológica e por participarmos do governo do planeta; assim compreendendo porque

O alvo biopolítico que é a população ainda permanece presente, mas agora é pluridimensionado pela convocação à participação na gestão do planeta, do Estado, de empresas, **comunidades** e na **governamentalidade ambiental** (Passetti, 2013, p. 15; grifos do autor).

O diálogo é com a perspectiva foucaultiana da biopolítica; por isso, a vida no meio ambiente ganha destaque na formulação de Passetti (2013), ele está preocupado com a governamentalidade que deve alcançar o planeta Terra, dada sua condição de salvaguardar as vidas; trata-se de uma compreensão ecológica que deve ser articulada ao pensar o meio ambiente global, pois dele todas as populações dependem.

Nesse sentido, os contornos de uma reflexão diante de enunciados sobre devastação amazônica têm na dimensão da devastação uma possível chave para compreender essa dinâmica, posto que o mostrar medições e comparações deve ajudar

na compreensão de como esse objeto de estudo se move sobre uma teia de saber-poder. Para esta análise de discursos midiáticos on-line dedicados à devastação amazônica, e na esteira de Autor 1 (2023), pensamos na perspectiva de “um exercício de poder que abarca o meio ambiente em termos de um governo em que a vida está imersa em múltiplas condições, articulada à ecologia” (Autor 1, 2023, p. 103).

Tal exercício de poder é, possivelmente, efetivado no entorno do problema ambiental amazônico, dada a devastação nesse território e espaço de gestação, guarda e manutenção de vidas e biodiversidade. Pensá-lo em termos ecológico-político é pôr em perspectiva um governamentalizar o plano ambiental, terreno ecopolítico, pois a ecopolítica pode significar “prática de governo do planeta nos tempos de transformação (de si, dos outros, da política, **das relações de poder e do planeta no universo**)” (Passetti, 2013, p. 9; grifamos). É encontrar o governo ambiental e, no caso desta pesquisa, o como essa problemática é apresentada nos meandros dos discursos midiáticos; ponto central da seção seguinte.

### **3. Dimensões da devastação amazônica em discursos midiáticos**

Os esforços analíticos em discursos midiáticos sobre a devastação amazônica possibilitam entender efeitos de sentido sobre o cuidado e o governo ambiental do planeta, perscrutam vontades de verdade inerentes. Esta seção dedica-se a fazer esse esforço ou esse gesto de leitura aplicado a duas materialidades, uma da BBC News Brasil (2021) e outra e (o)Eco (2023). Inicialmente, analisemos a materialidade intitulada *Desmatamento: Amazônia perdeu área sete vezes a cidade de São Paulo até novembro* é da BBC News Brasil, publicada em 20/12/2021 (Modelli/BBC News, 2021).

O gesto inicial de examinar o título encontra uma estratégia discursiva e notações de objetividade em termos de medir e comparar, multiplicando-se por sete, o tamanho do desmatamento com o da cidade de São Paulo: *equivalente a sete vezes* (Modelli/BBC News, 2021). Ante a impossibilidade de tudo dizer acerca dessa materialidade, vê-se que a mesma recorta possíveis causas, e não recorre a outras, que

explicam tamanha perda registrada em onze meses de 2011. A publicação cita: *caos fundiário, falta de fiscalização e invasão de terras públicas sem uso da União ajudam a explicar destruição da floresta*. Ante o que se enuncia, vê-se que a “invasão” poderia ser compreendida como signo de uma fracassada biopolítica nos cuidados amazônicos (“*caos fundiário*”, “*falta de fiscalização*”). Assim, o discurso produzido pela BBC News recorre a informações que são registradas com efeito de veracidade na matéria jornalística (cf E1<sup>3</sup>):

### E1

A Amazônia Legal perdeu 10.222 km<sup>2</sup> de floresta entre janeiro e novembro de 2021, o **equivalente a sete vezes o tamanho da cidade de São Paulo. É o maior acumulado dos últimos 10 anos para o período**, segundo dados do Sistema de Alerta de Desmatamento, do Imazon, publicados nesta segunda-feira (20) [12/2021]. Apenas em novembro, foram 480 km<sup>2</sup> desmatados na região, a segunda pior taxa para o mês em dez anos (o recorde foi registrado em 2020, com 484 km<sup>2</sup>) (Modelli, BBC News Brasil, 20/12/2021; grifamos).

Dentro da estratégia discursiva midiática apresentada em E1, são selecionados itens linguísticos visando imprimir sentidos de veracidade ao discurso sob análise, possivelmente buscando efeitos de objetividade, neutralidade e verdade. É assim que itens lexicais tais como “*perder*”, “*o maior acumulado*”, “*recorde*” e “*segunda pior taxa*” são empregados, no afã de imprimir autoridade científica ao enunciado da devastação causada pelo desmatamento; sugere-se que uma área *perdida* seja acontecimento irreversível, que dificilmente será retomada.

A dimensão é de causar susto. A construção do sentido estabelece essa regularidade quando sugere que o flagelo é enorme; logo, constrói um efeito de sentido de alarme. Ademais, a busca por discurso de autoridade (*Sistema de Alerta de Desmatamento, do Imazon*), outra das estratégias de seleção e controle e partícipe da formação discursiva midiática, coroa a tática de apresentar o problema à população, mas apresentá-lo devidamente fundamentado na retaguarda acadêmica, científica. Portanto, ao se mostrar resultado de comparação entre desmatamento amazônico x cidade de São Paulo, percebe-se um intensificar no efeito de preocupação com a Amazônia.

---

<sup>3</sup> Os trechos destacados são numerados “E1”, “E2” e sucessivamente, significando “enunciado 1” em diante. No caso deste trabalho, o enunciado tem a conotação foucaultiana e não se confunde com frase ou outra acepção correlata; o enunciado inscreve-se na História, é plenamente atualizável, contradito, participa das lutas políticas nas quais o discurso é protagonista.

A produção discursiva da BBC News oferece informações e explicações acerca de possíveis práticas causadores do desmatamento. Na mesma, à certa altura está enunciado o que segue:

**E2**

Um levantamento do Ipam de 2020 mostrou que mais de 23% das terras públicas não destinadas da região [amazônica] estão registradas ilegalmente como propriedade privada (Modelli, BBC News Brasil, 20/12/2021).

Da leitura desse enunciado (E2), destacamos que se trata de um apontamento na direção do sujeito leitor em vista de ele atentar à gravidade do problema, já que se fala em um quarto das terras em situação de “*ilegalidade*”. Está designada espécie de comprovação de uma fracassada governamentalidade no plano ambiental; o governo do planeta é alcançado por essa incapacidade. Portanto, é mobilizada uma estratégia de (eco)governamentalidade<sup>4</sup> no discurso construído pela instituição midiática na direção do conjunto da população. É como, a partir da ancoragem no Ipam, apresentar um dizer ao estilo: ou tomamos conta desse problema ou perdemos a Amazônia para a ilegalidade. Percebe-se que tal estratégia do dizer recorre a um discurso de autoridade que funciona em termos de legitimação para alertar, um chamamento de atenção às investidas contra a floresta; a autoridade acadêmica entra na ordem do discurso como campo de disputas e é apresentada como vontade de verdade a explicar os fatos.

Tais encadeamentos podem ser entendidos na esteira da seguinte formulação de Navarro (2020, p. 15): “os objetos de discurso sob investigação pelo mirante da arqueogenealogia impõem a realização de um trabalho que nos conduz a determinar que formas de relação podem ser descritas”. Frente a essa formulação teórica, pode-se sugerir que são formas tais como a convocação dos saberes acadêmicos para (re)significar e respaldar o dizer midiático. Nesse sentido, vê-se que é uma demonstração da perpétua relação entre saber e poder da qual fala Foucault (2019); ou seja, meandros da arqueologia e da genealogia como pensadas por esse autor.

---

<sup>4</sup> Veiga-Neto (ano) trata de ecogovernamentalidade ao articular a categoria de governamentalidade pensada nos termos de Foucault (2019) para explicitar o exercício de poder em vista do governo da população e sintetiza: ecogovernamentalidade seria uma associação entre a governamentalidade e a Ecologia, “de modo a pensarmos e problematizarmos politicamente não propriamente a vida em si, mas a vida imersa nas múltiplas condições que a cercam e a tornam possível” (VEIGA-NETO, 2017, s/p).

Nessa produção discursiva da BBC News, a seguinte passagem é produtiva à análise em curso, pois destaca a relacional desmatamento x pastagem bovina:

### E3

estudo do Ipam [...] mostrou que 44% do desmatamento registrado em 2019 e 2020 ocorreu em terras públicas, sendo **que 75% do que foi desmatado nas terras públicas não destinadas foi transformado em pastos** (Modelli, BBC News Brasil, 20/12/2021; grifamos)<sup>5</sup>.

O gesto de leitura discursiva dedicado a esse enunciado permite interpretar que a produção discursiva da BBC News (E3) reforça sua estratégia discursiviza na posição institucional científica, acadêmica, ao referir um “*estudo do Ipam*” capaz de medir, que mostrou e percentualizou o tamanho do desmatamento, como se lê na passagem: “*que 44% do desmatamento registrado em 2019 e 2020 ocorreu em terras públicas, sendo que 75% do que foi desmatado nas terras públicas*”. Estabelece-se um efeito de veracidade pela insinuação do ato de medir, aferir, sugestão de objetividade (“44%”, “75%”), sendo a posição de autoridade creditada ao Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia.

Essa enunciação do flagelo da devastação via desmatamento de terras públicas participa de uma tática de governo da população que a instituição midiática faz, no que tange à discussão ambiental, e é co-partícipe da governança ambiental do planeta (Passetti, 2013). Apresentar dados sob um efeito de objetividade e com ancoragem acadêmica é uma forma de convidar os sujeitos leitores a dar atenção à discussão, visando alertá-los. Por essa razão, esse discurso da BBC News expõe e faz cruzamento de dados, relacionando período temporal (2019 e 2020), atividade destrutiva (desmatamento) e índices (percentuais estatísticos). Ou seja, a atividade econômica devastadora, a pecuária, tornou-se a maior beneficiária desse processo; vê-se que há sobreposição de uma matriz sobre outra (da econômica que se sobrepõe à ecológica), em um jogo de relações de poder sobre o ambiente e saber acerca de sua agressão.

Na esteira de compreender o funcionamento de tais discursos midiáticos sobre a devastação amazônica, recorreremos à produção discursiva de (o)Eco *Desmatamento na Amazônia diminui 22,3% e chega a 9 mil km<sup>2</sup>, aponta INPE*, de 09/11/2023

---

<sup>5</sup> Ipam é o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia.

(Bragança/(o)Eco, 2023). Postagem de novembro/2023, essa materialidade permite um olhar comparativo ao da BBC News, esta de dezembro/2021; assim, compreende-se a governamentalidade ambiental em face de dois tempos de governo sobre a Amazônia: a BBC mostra a reta final do governo Jair Bolsonaro, a de (o)Eco cobre o primeiro ano do governo Lula 3<sup>6</sup>. Inicialmente, a figura abaixo captura a parte inicial da matéria de (o)Eco:

### Figura 1. Desmatamento na Amazônia diminui 23,3%



Fonte: Print em post de Site (o)Eco (<https://oeco.org.br>) (Bragança, 2023)

Inscrita nas arenas políticas de que participam os discursos (Foucault, 2012), a produção discursiva (Fig. 1) traz, à esquerda, a Ministra dos Povos Indígenas Sônia Guajajara; à direita, a Ministra do Meio Ambiente Marina Silva. Duas das protagonistas lideranças na luta ecológica e pela defesa do meio ambiente, no Brasil e com incursões internacionais. Assim construindo o sentido midiático, (o)Eco sugere que o governo Lula 3 está atento e comprometido com a vida no planeta (Marina Silva está *clificada* com uso de máscara, outro símbolo de lutas em defesa da vida diante de pandemias etc.). Ícone nas lutas de seringueiros e outros sujeitos da floresta amazônica, Marina

<sup>6</sup> Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil entre 2019 e 2022; Luiz Inácio Lula da Silva inicia seu terceiro mandato presidencial em 01 de janeiro de 2023.

Silva tem em sua imagem a conotação de defensora ambiental; Guajajara é índice de vida indígena brasileira e ambas protagonizam atuação política nesse campo de disputas ambientais. Diz a produção discursiva de (o)Eco:

**E4**

Número, divulgado nesta quinta-feira (09), é o menor resultado desde 2019. Governo publicou dados a 3 semanas da Conferência do Clima (Bragança, (o)Eco, 2023).

O enunciado (E4) traz a vontade de verdade de objetividade. Enuncia-se o *menor resultado* desde o primeiro ano de governo Bolsonaro, ao mesmo tempo em que se convoca o grande acontecimento ambiental que é a Conferência do Clima; quem publicou os dados? A materialidade destaca que o *Governo* anunciou; governo Lula 3. As presenças das ministras de Estado na publicação sugerem o efeito de verdade de que a governa atual preocupada com a saúde ecológica da Amazônia brasileira; por extensão, as populações amazônicas entram nesse alvo biopolítico que se desdobra em uma ecológica dedicada ao governo planetário.

Nessa linha de compreensão, veja-se a seguinte passagem:

**E5**

O desmatamento na Amazônia caiu 22,3% entre 1º de agosto de 2022 e 31 de julho deste ano [2023], em comparação com os 12 meses anteriores, atingindo a marca de 9.001 km². É a menor taxa desde 2019[...]. A estimativa, divulgada na tarde desta quinta-feira (09), é fruto do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (Bragança, (o)Eco, 2023).

A passagem acima (E5) de (o)Eco é sugestiva de um sentido de exatidão esboçado nessa produção discursiva: o percentual designa resultado de cálculos matemáticos e processos técnicos de aferição; logo, uma insinuação de verdade em contornos de objetividade. O exercício enunciativo do site, um esforço de poder que fala à população sobre desmatamento, convoca vozes de autoridade para, em tese, sustentar um relato fidedigno. É o Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite quem vem dar garantias, posto que se alberga em uma conceituada instituição acadêmica nacional: o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Diferentemente do que se passa nos exemplos anteriores (E1, E2 e E3), o final de 2023 já mostraria uma ação eco/biopolítica mais eficaz (“*menor taxa desde 2019*”, queda de 23,3%), conforme E5.

### E6

Em termos **comparativos**, é como se um pouco mais de **seis cidades** de São Paulo tivessem sido derrubadas entre agosto de 2022 a julho de 2023. No mesmo período do ano anterior, o país perdeu **sete cidades** e meia de São Paulo (Bragança, (o)Eco, 2023; grifamos).

A estratégia discursiva segue a prática de medir comparando. A magnitude da cidade de São Paulo, maior da América Latina, é convocada para o fio discursivo de (o)Eco no sentido de mostrar o tamanho da devastação (cf E6): “*seis cidades de São Paulo*”, menos do que as “*sete cidades e meia de São Paulo*” perdidas no mesmo período anteriormente medido. Período anterior designa o tempo do governo Jair Bolsonaro, uma época contemporânea que exemplificaria a derrota de governa ante à problemática ecológica, pois “o planeta urbanizado e, por conseguinte, policiado, exige um pouco mais de governos, como governamentalidades que repõem a situação de *ingovernável*” (Passetti, 2013, p. 22; grifo na obra). Assim, é possível ver que a prática discursiva em questão (E6) não deixa de participar dessa arena política e de lutas nos espaços de poder e no dizer sobre eles.

No esforço de arrematar as análises deste estudo, considere-se o seguinte trecho:

### E7

A ministra Marina Silva agradeceu nominalmente o **Ibama**, o **ICMBio**, a **Polícia Federal** e a **Força Nacional**, que passaram o ano em operações, pelos resultados alcançados. No total, **houve aumento de 104% nos autos de infração por crimes contra a flora, 31% dos embargos, a destruição de equipamentos usados em ilícitos subiu 41%**.

“Por trás disso [da queda do desmatamento] tem a decisão política do presidente Lula pelo desmatamento zero, por trás disso tem a decisão política de que o Plano [PPCDam] é a política transversal”, disse Marina<sup>7</sup> (Bragança, (o)Eco, 2023; grifamos).

O nosso gesto de leitura discursiva sobre a materialidade trazida em E7 será desdobrado em duas linhas de descrição/reflexão. De um lado, vê-se que (o)Eco traz,

---

<sup>7</sup> Trata-se do PPCDam (Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal), uma política pública e criado em 2004 no âmbito do governo federal do Brasil.

indiretamente, a posição sujeito ministra para o centro da narrativa jornalística; “*Marina Silva agradeceu*”. Instituições de Estado e que participam desse esforço ecogovernamental (Veiga-Neto, 2017), Ibama, ICMBio, Polícia Federal e Força Nacional, cooperam na condução biopolítica e da racionalidade nos domínios da governamentalidade situada no campo ambiental.

Para além de mostrar esse conjugado de forças, que (o)Eco sugere partícipes no governo do meio ambiente/planeta, a produção discursiva sinaliza para um sentido de objetividade e verdade sobre o desmatamento amazônicos: “**aumento de 104%** nos autos de infração por crimes contra a flora, **31%** dos embargos, a destruição de equipamentos usados em ilícitos subiu **41%**” (Bragança, (o)Eco, 2023; grifamos); trata-se de uma estratégia cara à formação discursiva da imprensa, a de buscar vozes autorizadas a falar para sustentar as postuladas vontades de verdade.

No todo, são demonstração de ações biopolíticas dirigidas à Amazônia revestidas de intensidade no combate à saga destruidora (aumentar *autos de infração*, embargos, destruir equipamentos ilícitos); são táticas e estratégicas que miram uma população sadia e viva, possivelmente no afã de fazê-la dócil e produtiva. Em suma, a prática que (o)Eco efetiva na sua enunciação é de reconhecer e legitimar o bom cuidado com o meio ambiente; assim seus sentidos sugerem.

De outro lado, o que se vê, em destaque, é a posição da ministra Marina Silva, exposta via discurso direto (aspeado na materialidade de (o)Eco). O discurso de autoridade vem na linha das ações políticas e de governo contra o desmatamento; na figura política e ecológica de Marina estão inscritos signos de autoridade não acadêmica, mas de vivências, cuidados e governo no meio ambiente. Em E7, pode-se ler: “*Por trás disso [queda do desmatamento] tem a decisão política do presidente Lula pelo desmatamento zero, por trás disso tem a decisão política de que o Plano [PPCDam] é a política transversal*”.

É possível entender que o enunciado a falar sobre o meio ambiente, que já reverbera na História há séculos, é reatualizado na ordem dos discursos midiáticos sobre o desmatamento na Amazônia brasileira. Nesse fazer investigativo, recordemos, não há uma dedicação de “buscar datas ou origens precisas dos eventos de devastação na Amazônia, mas pontos de emergência, sinais de rupturas e (des)continuidades” (Autor

1, 2023, p. 125), de acordo com o que se propõe em uma análise arqueogenealógica foucaultiana. Assim, neste tempo histórico e em vista de um dado governo, tal enunciado inscreve-se na defesa da causa ecológica e é assumido por autoridades de Estado; portanto, ele participa dos jogos de poder e de autoridade nos entremeios de buscas pela verdade e enunciação desta nas redes discursivas midiáticas.

### **Conclusão**

Em face do gesto analítico adotado, a pesquisa buscou analisar discursos midiáticos sobre a devastação ambiental amazônica em vista de possíveis vontades de verdade sugeridas sobre o tamanho do flagelo ambiental, no sentido de que essa prática de leitura discursiva ajuda(ria) a entender efeitos de sentido sobre o cuidado e o governo ambiental do planeta. Destaca-se que essas nuances do discurso midiático digital dizem sobre táticas biopolíticas de que se ocupam os governos brasileiros ante o tema amazônico ambiental e da destruição dela. Com base nas análises dos enunciados recortados, enfatizamos que o tamanho do flagelo que é o desmatamento na Amazônia na mídia on-line se fez, destacadamente, pela estratégia de medir, comparar, quantificar em percentuais e exibir séries comparativas em meses, anos, de acordo com as vontades de verdade de objetividade reclamadas por esse funcionamento discursivo.

Assim sendo, a Amazônia brasileira segue enquanto lugar de salvaguarda de vidas e alvo e, ela mesma, de estratégias biopolíticas atravessadas por “verdades” sobre como esse território vem sendo cuidado, governando e/ou abandonado. Os discursos midiáticos não se deixam escapar de embates políticos; ao enunciar a Amazônia, eles seguem por uma trilha cambiante entre os dizeres científicos, estatísticos e de autoridades políticas de governança, participam de uma luta que é política (Foucault, 2012).

### **Referências**

ARAÚJO, I. F. “**Não temos mais tempo**”: biopoder, biopolítica e ecogovernamentalidade em produções discursivas midiáticas sobre a devastação na

Amazônia brasileira. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Pau dos Ferros (RN), 2023, 294 f.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução: Vera Porto Carrero. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: \_\_\_\_ **Em Defesa da Sociedade**: Curso no *Collège de France* (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285 a 315.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no *Collège de France* (1978-1979). Tradução: Eduardo Brandão. Revisão da tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Beata Neves. 8ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. A Governamentalidade. Curso do *Collège de France*, 1 de fevereiro de 1978. Tradução de Roberto Machado e Angela Loureiro de Souza. In: **Microfísica do poder**. Organização, introdução, revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019. p. 407-431.

NAVARRO, P. **Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos**. Revista Moara / Estudos Linguísticos, Edição 57, Vol. 1/ ago -dez 2020 (p. 1 a 33). Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>. Acesso: 02 de maio de 2024.

OLIVEIRA, L. D. de. **A geopolítica do desenvolvimento sustentável: reflexões sobre o encontro entre economia e ecologia**. In: CARTA INTERNACIONAL: publicação da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Vol. 7, n. 1, jan.-jun. 2012 (p. 118 a 139). Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/54>. Acesso: 22 de julho de 2024.

PASSETTI, E. Transformações da biopolítica e emergência da eopolítica. **Revista Eopolítica**, São Paulo, n. 5, jan-abr de 2013 (p. 2-37). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120>. Acesso em 17 de agosto de 2022.

### Materialidades analisadas:

BRAGANÇA, D. *Desmatamento na Amazônia diminui 22,3% e chega a 9 mil km², aponta INPE.* (o)Eco, 09/11/2023. Disponível em:

<https://oeco.org.br/noticias/desmatamento-na-amazonia-diminui-223-e-chega-a-9-mil-km%C2%B2-aponta-inpe/> (Acesso em 12 jun. 2024)

MODELLI, L. *Desmatamento: Amazônia perdeu área sete vezes a cidade de São Paulo até novembro*. BBC News Brasil, São Paulo, 20/12/2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59736175> (Acesso em 18 de janeiro de 2022).